

Boletim de Ocorrência



Por
Celito De Grandi

049

A morte da bela mulher

Série de casos policiais relembra o crime motivado pelo ciúme doentio de jordaniano radicado nas Missões

Apenas os ruídos cadenciados das oficinas do jornal A Notícia rompem o silêncio, no início da madrugada de 23 de março de 1970, na Avenida Senador Pinheiro Machado, em São Luiz Gonzaga. Funcionários com rostos cansados preparam a edição do final de semana.

É quando eles ouvem gritos desesperados no prédio ao lado. Vozes de mulher e de crianças.

Pensam logo na loira alta e magra, mulher jovem e belíssima que mora com o marido e dois filhos na parte superior da casa de tecidos Feira do Povo.

E ligam para a polícia.



São Luiz Gonzaga é município da microrregião de Santo Ângelo, um dos Sete Povos das Missões, fundado em 1687.

Foi lá que Pinheiro Machado iniciou sua vida profissional, depois de formado em Direito na capital paulista, pouco antes da Proclamação da República.

Desde meados da década de 60 do século passado, grande número de árabes, especialmente jordanianos e palestinos, acorreu à cidade de 41 mil habitantes, atraídos pela riqueza dos plantadores de trigo e soja. Havia muita terra vermelha de excelente qualidade para arrendamento, e agricultores de várias regiões do Estado foram para lá.

Os árabes, quase todos, instalaram casas comerciais, com produtos de segunda linha, popularizados graças aos preços baixos. A maioria deles pouco falava o português e contratava balconistas para auxiliá-los.

Começou um processo de miscigenação: muitos acabaram por casar com suas funcionárias.

Foi o caso de Husein Hasan Muhd Ibrahim.

Aos 29 anos, vivia com Marlene Fava Dolich Ibrahim, 20 anos, e com ela dividia o balcão da Feira do Povo. Tinham dois filhos, um de quatro e outro de dois anos.



A polícia não demora a chegar, mas na casa só há silêncio. Ninguém atende, apesar das batidas vigorosas. Um dos inspetores lembra do sócio de Husein e vão buscá-lo.

Ele abre a porta de entrada, todos sobem até o andar superior e enfrentam a realidade: o rosto lindo de Marlene está desfigurado, com cortes de tesoura. E ela, morta, estrangulada.

Ciúmes.

Só então começa a se revelar a verdade. Husein não suportava os olhares e sussurros dos homens para sua mulher, e suspeitava de que muitos deles iam até a Feira do Povo fazer compras de pequeno valor apenas para estarem próximos de Marlene.

Ela não suportava mais a vida em comum – as discussões passaram a ser diárias – e ingressou na Justiça com um pedido de separação de corpos, por maus-tratos.

Na véspera do crime, Marlene procurou seu advogado, Flávio Bettanin. Ele tinha estado com o juiz de Direito e este havia lhe assegurado que, na segunda-feira, despacharia o processo.

Ela estava com as malas prontas.



Nunca ficou esclarecido se o crime foi premeditado ou não.

Husein, ao confessar a autoria, afirmou que havia bebido muito e, ao chegar em casa, teve

uma discussão a mais com Marlene. Depois do jantar, segundo ele, foi surpreendido pela mulher que o ameaçava com uma faca. E a matou para se defender.

Essa explicação não convenceu a polícia.

Dois fatos ocorridos nos três dias que antecederam o crime eram estranhos: Husein pediu a seu primo Hisse Salim Hissa Jamal que transportasse até São Borja 18 fardos de mercadorias, entregues ao pai de Husein, que não era comerciante.

Ao mesmo tempo, o criminoso assinou uma procuração para o primo, concedendo-lhe totais poderes para gerir os seus negócios a partir dali, como se estivesse pronto para fugir.



Foi o que acabou acontecendo.

Depois de preso o jordaniano, seus defensores solicitaram um exame de sanidade mental, alegando que ele cometera o crime num momento de desatino.

Husein foi encaminhado, então, para o Hospital Psiquiátrico São Pedro, em Porto Alegre.

Com o apoio e a cobertura de um grupo de patrícios, Husein, antes de se submeter a qualquer exame, conseguiu fugir.

E a versão que se acredita ser a mais provável é que ele tenha sido conduzido direto para o aeroporto.

Só há, desde então, uma certeza. Ele foi para os Estados Unidos, onde estaria até hoje, provavelmente com os filhos.

E muito mais não se sabe nem se comenta.

Tal como acontece em muitos outros casos, é com o esquecimento e o silêncio que as comunidades tratam de se proteger de seus dramas.

O crime

Vítima:

Marlene Fava Dolich Ibrahim

Época do crime:

Março de 1970

Cidade:

São Luiz Gonzaga

Autor do crime:

O marido da vítima

Motivação:

Passional

REPRODUÇÕES



Jornal A Notícia acompanhou os desdobramentos do crime em São Luiz Gonzaga

